


 Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 301 • PREÇO 1800

O «famoso» é o jornal que não mente

«A pequena lembrança junto a esta—e pena tenho não me ser possível contribuir com muito—é enviada por um filho de uma mulher de bem, que meu pai, maior da terra da minha naturalidade (diz o nome) enganou deixando-a com 10 filhos, para depois casar com outra.

Não é próprio do cristão o rancor, e portanto, até peço a Deus que lhe tenha perdoado. Mas, Senhor Padre Américo, quanto a mim, o grande desgosto de ser filho de pai incógnito, ou antes, de pai patife, e sobretudo a falta que por toda a vida tenho sentido e continuo a sentir, apesar dos meus 39 anos de idade, acabram-me constantemente.

Nunca ouvi ninguém, a não ser V. lamentar e defender a sorte, dos filhos sem pai. Só V. pensa e sente quanto nós sofremos.

Esta carta, sem rascunho e por isso bastante atabalhoada é simplesmente para significar, como tantos milhares que certamente tem recebido, o carinho que há tantos anos eu sinto por si.

O «Famoso» é o jornal que não mente.

O «Famoso» é o Arauto da caridade que Nosso Senhor ensinou e que S. João Evangelista, já muito velhinho, repetia.

Por muito que puchasse pela cabeça, nunca encontraria palavras para exprimir a gratidão que sinto por si.

As mais efusivas saudações de um filho que não tem o nome de seu pai, mas que é com a graça de Deus, o amparo de sua Mãe e foi também o amparo de seus irmãos mais novos.

Que carta a deste filho de uma mulher de bem! Ela faz gemer as bases de tribunais supremos e condena juizes.

Nós temos as casas do gaiato cheias. Não é tanto em pequeninos como depois de grandes; nessas idades é que eu os compreendo e verdadeiramente amo. Este de 39 anos, não obstante a sua vida digna, eu ia a dizer santa, sente-se constantemente acabrunhado. Que dó!

Com frequência recebemos pedidos de Professores da Universidade, Magistrados, Bispos Residenciais, Militares, Ministros — o mundo português. Se estes que assim intercedem pelos orfãos de vivos amassem neles o desgosto e a falta do pai, iriam certamente às origens antes de vir ter conosco. E estão sim. Então aquela verdade está você defende, seria trocada por outra melhor—todos nos defendem.

Património dos Pobres

Já temos 90 contos em caixa e vamos fazer casas. Assim ouvimos dizer a um vicentino das portas de Lisboa. Ora eu antes queria ter ouvido *teras casas feitas e devemos 90 contos*. Felizmente que na maior parte dos casos é mesmo assim que se está trabalhando. Mas é necessário que seja o mesmo em toda a parte, pois que é esta a característica da verdade. As comissões do Património devem ser criadoras de alegria; alegria dentro de si e alegria na alma do Pobre que há séculos espera por esta hora.

Ora os 90 contos no Banco serão uma esperança, sim, mas o que se pretende é o facto. *Comecem*.

Na Foz do Douro estão seis casas em vias de entregar. Fomos vê-las. Ali como em vários sítios, escolheu-se o bloco alinhado. Olhou-se, talvez, não só ao lado Oeste, como também a vantagem de fornecer a cada família um pequenino quintal. Isto é bem, mas nós temos obrigação de tender para o melhor. Melhor chamamos eu

à casa individual ou quando muito geminada. Uma unidade. Um pequenino agregado de unidades.

A ideia do Património não pede nem comporta as largas vistas de um bairro. Nós somos uma coisa diferente. Aonde a courela, af a pequenina casa em simetria dispersa, com inteligência e amor. Não é esta, de resto, a tendência dos nossos dias? Ali mesmo, a dois passos do bloco, não é verdade que se ergue o maravilhoso, aonde os arquitectos do tempo têm dado e estão dando os melhores riscos? Não é verdade? Porque não havemos de fazer assim à residência modesta e adequada à família pobre?

Os vicentinos de S. João da Pesqueira, já ergueram quatro casas e vão fazer mais. Trata-se de uma terra de tais recursos que durante a reunião dos vicentinos aonde o assunto foi tratado, houve uma quete que rendeu onze escudos! Tenho a acta em meu poder. São duas casas isoladas. O risco é surpreendente. Ficaram empenhados e é assim que se vai dar

AQUI, LISBOA!

O dia da Assunção da Virgem ficou assinalado em Cascais com a entrega das três primeiras casas do Património. Quando para lá nos dirigíamos era preciso businar todo o caminho. Não havia sequer palmo de estrada que não estivesse ocupado por automóveis. As areias das praias eram poucas para tanta gente que, naquele dia de calor, procurava o fresco do rio ou do mar. Muito luxo, muita vaidade, muita carne exposta: não vi Deus em parte nenhuma.

No local das três lindas moradias, apareceram os vicentinos, o pároco, e os pobres. Os de Deus. Ele estava ali. É preciso assistir à entrega das chaves a uma família que as vê a primeira vez na vida, para se sentir toda a grandeza a oportunidade do Património. A grande maça dos pobres delirava quando o Pároco foi dizendo que as casas eram para fulano e cicrano que viviam em barracos inundos. Eram vivas, eram lágrimas, eram beijos comovidos nas mãos unguadas do Sacerdote. Nunca o Padre daquela terra foi tão Pai. Deus estava ali.

Veus e cinco pessoas das três famílias ficaram cristãmente instaladas. Representantes da Câmara que cedem o terreno, viram. É bom que vejam para acreditarem quanto o Património vem ao encontro dos problemas que elas nunca seriam capazes de resolver, ou que tão infelizmente tem sido resolvidos... a *casse-tete*.

De regresso, novas vagas de multidões sem rumo. Era a chegada dos corredores de bicicleta. Mais horas de estacionamento obrigatório. Nada mais prejudicial

começo a outras tantas. Aqui deixo a receita. É genuína. Quem guarda dinheiro nos bancos para um dia fazer casas, é possível que nunca as faça. Ao contrário, quando a gente empenha os olhos da cara, fazem-se tantas quantas.

Temos notícia de mais doze a começar na paróquia do Carvalhido. Mais vinte em Ribeirão. Mais em Guifões da Maia. Mais em Fontelas. Mais em Macinhata. Os quinhentos contos do Fundo do Desemprego já há muito que se gastaram. Nós já nos excedemos em 32 moradias. Mas nem por isso esmorecemos. Só quando houver uma casa para cada indigente, é que nós paramos. Até então, se do governo, se de particulares, se de mendigar, se de quê, — isso não é objecto.

a quem trabalha. Deus também ali não estava. Estão logo prontas para entregar, mais duas casas no Tojal e duas em Fanhões. O ritmo da construção é cada vez mais acelerado. Deus está aqui!

Um dos vendedores trouxe-nos uma carta que arrancou bem perto do coração—daqui ninguém matira—com a maior devoção para o calvário». Tão guardadinhas as colocamos, que até esqueceu publicar esta dádiva há mais tempo. Cinquenta de «uma dactilografia para a conferência com o perdido que satisfizemos ao altar. Revisitas para os doentes do sanatório e peixe congelado para os nossos rapazes; 500 para sufrágios; 1.500 para o enxoval dum pequenito acabado de sair da cadeia das mónicas. Quando os dos nossos rapazes viram pela primeira vez a luz do dia, nas cadeias do país! 500 à porta dum igreja. Escusado é dizer que se trata sempre de donativos confiados aos vendedores de «O Gaiato»; 1.000 pelo nascimento do primeiro netinho, dum apaixonado amigo da Obra. Cinquenta quilos de açúcar para festejar os três anos da pequenina Ana Maria, acabada de chegar da Ilha de Moçambique. Que a sua madrinha—a amável—e os pobres que tão alegremente receberam este mimo, sejam motivos de bênção para tão cristã família.

Outro motivo de alegria—agora para os nossos,—foi uma máquina de cinema que a Casa Alvarez fez chegar à nossa casa. Ainda o domingo vem daí a oito dias e já os batatas nos perguntam se temos cinema ou não. Ninguém os atura. *Desculpe ser tão tarde!* Que delicadeza daquele Senhor que ainda acaba por pedir perdão da oferta!

Roupas e 100 e 200 de visitantes. Chegamos da C.ª de Diamantes, 1.000 e 100 de outros para se desobrigarem. 2.250 dos Emp. da Vacuum, 70 mais 20 da boa gente de Amora, que nos visita. Pão e 250 da Rua de Buenos Aires, 100 do Casal de Arroios. Roupas por alma do Herculano: 600 para o Património em acção de graças dum chefe de família, que obteve o primeiro lugar no concurso.

— AGORA —

Deixem passar. É a Mãe de um neo-médico que entrega a primeira consulta do seu filho para a Casa dos Médicos. É de Lisboa. Ao lado vai alguém que deixou seis contos no Espelho da Moda, esperando um dia poder completar. Que eloquência! A Mãe do Zé António torna com 50\$. Muito gosta esta senhora de andar na procissão! O assinante 4.811 vai com outro tanto. Ao lado segue uma filha de Deus com a sua humilde oferta de 20\$ que a nada chega. A carta desdobra-se em considerações. Tenho feito muito pouco à Casa do Gaiato. A filha de Deus parece não ter dado fé que nas coisas pequeninas tem feito a maior de todas; amar. Deixem passar. O Casal assinante 28.562 não desanima e volta com a sua oferta para a Casa dos Licenciados. Os Professores de Proença-a-Nova voltam com 500\$. Mais 100\$. Um Maquinista dos Guindastes do Porto da Beira, atirou-se por aí fora e veio aqui ter com 100\$; é o Abílio. Deus o ajude. A Beatriz de Lisboa resolveu dar pregos e vai com 20\$. A leve assinante 16.102 meteu ombros à Casa do Colégio Moderno, e pede para eu falar, a ver se os de boa vontade andam mais depressa. Cá estou. É gente do Porto. Está o caso bem entregue. Entra aqui alguém da mesma cidade com mil escudos para o ajudar na dívida do bairro D. António Barroso. A gente ouve dizer que a população da cidade anda nos quinhentos mil. Só um! Até à data, para aquele fim—só um! Juntam-se agora Uns Noivos com 350\$00. Imediatamente a seguir vai Mãe e o Pai que foram e são Noivos, a julgar por esta cartinha:

«Como não podemos adquirir uma casa para nós, e muito a desejávamos, aí vai o primeiro abono de família recebido pelo nosso segundo filho, para ao menos termos a consolação de contribuir, embora em escala muito pequena, para que mais uma família viva em condições humanas e na sua alegria peça a Deus que abençoe o pequenino a quem tanto querem a Mãe e o Pai».

Admiremos a persistência do amigo dos 20\$, furtado ao seu tabaco. Que pedras! Oh construções!

E que vamos nós dizer do Plano Decenal, com 100\$ na mão, — que dizer?

Agora aonde a gente emudece é na presença deste mestre. Mestre de teologia. Ora aprendam, como eu fiz:

«Continuo no meu propósito de não cometer mais pecados e quero ser fiel, para o que mando outros mil escudos para a casa Santa Cruz.

Atenção

Quando cá estive o mundo do Salgueiros, alguém esqueceu-se da sua malinha de mão, contendo roupas e um perta moedas com dinheiro.

Dirigir-se ao Daniel cronista, que a tem à sua guarda. O seu a seu dono.

E deixa ficar mil escudos no 54 dos Clérigos. O propósito. A fidelidade. Este que se diz J. A. deve ter visto o rosto desfeito do Crucificado; e compreendido ser ali a causa do pecado. Daí o seu continuar fiel ao propósito de não cometer mais.

Não sei se mil se quantas casas vai fornecer aos Pobres a obra do Património. Nós não o sabemos. Mas uma coisa é certa; além de tudo quanto nelas se pode ver, resta a graça invisível dos que ajudam o homem a compreender e amar o Homem-Deus; feito juntamente com o de enviar o bastante para uma casa.

Vale a pena ouvir, também uma Maria do Porto:

«Estando empregada há alguns meses envio uma migalhita (350\$) do que tenho recebido e enviarei todos os meses enquanto for esta a minha situação.

Peço uma oração para que o «espírito de empregada» se não apodere de mim de tal maneira que seja um obstáculo à adaptação e ao amor à vida exclusiva do Lar, à qual me dedicarei dentro de algum tempo se Deus o permitir».

Uma Maria do Porto

Tomem nota da suplica. Venham aqui beber os economistas, os marialistas, os juizes do trabalho. Todos. Esta Maria do Porto está a dizer quem é a mulher, qual o seu verdadeiro lugar e o seu verdadeiro amor; — O Lar. Não foi buscar a ciência aos tratadistas; tem-na dentro de si. Não engana nem pode enganar-se. Mas os homens não. Os homens não senhor. Eles até precisam da mulher em suas fábricas e indústrias de noite! E elas vão! Vai aqui Leiria com 100\$ para um vidro. Parece letra de mulher; são mil escudos de uma promessa. Mais uma prestação de dois contos. O assinante 23.979 de Newark atravessou o mar e vai aqui com dez dólares. A Maria de Lourdes de Lisboa vai com 100\$. Oçam Lisboa:

«Desejo muito construir uma casinha humilde, num terreno que já adquiri. Até agora não tive possibilidades, nem sei se virei a tê-las mas, exactamente por isso, quero que aqueles que necessitam muito mais do que eu, tenham um contributo pequenino do meu pouco».

Notem aquele — mas exactamente por isso. Assim se desafia o Altíssimo! Segue um que termina o curso de engenheiro e manda 100\$ para a casa deles. É de Lisboa. Mais 100\$. Mais 50\$ da Beira. Mais o dobro de Luanda. Mais o assinante de Lisboa 8.672 com 1.500\$. Mais 100\$ de Beja. Entra agora o Pessoal da Hidro Eléctrica do Cávado com o produto do mês de Agosto—2.769\$90.

Mais um sermão. Hoje são muitos os pregadores, graças a Deus.

«Junto tenho o prazer de enviar a importância de Esc. 6.000\$00 que com o remetido em Maio p. p. fez o custo de uma casa.

Fica assim cumprida a minha promessa de fazer esta entrega até fins do corrente ano.

A minha satisfação é ainda maior que a importância, que agora envio, ser parte do produto da venda de uma pedra preciosa de que fui co-herdeiro. Pensei

TUDO DE GRACA

Nós não temos outro remédio senão vir a este sítio, de onde levantamos a voz, para que o mundo oiça; é a *Textil Portuguesa*. Estamos fabricando pano suficiente e eficiente para todas as nossas casas, graças à gerência.

Padre Carlos manda estampar na Calandra do Bonfim, de sorte que temos qualidade e padrões. A *Textil Portuguesa* ofereceu também um automático e deu um tecelão para aqui e tomou um gaiato, o Manuel Jorge por aprendiz de afinador que vem ao sábado e vai à segunda. Que mais será preciso dizer para calar na alma dos ouvintes? Creio que está tudo dito!

*

Tudo, sim, quanto à *Textil*, mas ele há outros que merecem ser denunciados, para o bem comum. É um senhor da cidade do

Porto, que trás obras há muito tempo em uma sua propriedade aqui perto. Pois bem. Este senhor resolveu fazer também sua obra as casas do Património dos Pobres e é vê-las à beira das estradas e dos caminhos, com dedicatórias. É assim: como o nosso mestre de obras é também o dele, quando me parece e havendo terreno adequado, eu vou e rogo ao senhor (um comerciante) do Porto, que autorise o nosso mestre a meter na conta umas tantas casas, das quais dou a posição. Aquele senhor do Porto lê a carta, acha graça e diz que sim. Desta forma muitas já estão feitas e esperamos fazer mais. Depois darei conta. De sorte que a Indústria e o Comércio, pela vontade individual de Dois, sem assembleia geral, marcam presença e hoje, cem mil portugueses, ficam a saber.

Do que nós necessitamos

«Mil escudos do espólio dá minha velha criada, Maria Rosa, que deixou aos pobres o que ganhou. Muito agradecida pelo bem que fazem».

Não. Não senhor. O bem que nos é dado fazer, está justamente em comunicar aos homens o Bem que outros fazem. Eis o caso presente. Mais 100\$. Outro tanto do António. Metade da Costa do Valado. Mais 200\$ da Figueira. Mais 50\$ de Lisboa. Outro tanto de Almada. Idem Lisboa. Moçambique 20\$. Mais 50\$ Porto. Migalhas de um amigo de Lisboa. Mais 400\$ da Rosa de Outão. Mais 25\$ de uma regente de Enviando. Mais 300\$ da Calçada de Arroios. Mais 50\$ de uma pecadora do Porto. O dobro Gaia. Vinte Lisboa. Espinho cem Uma pecadora de Lisboa 150\$. Mil escudos do Porto. Idem 20\$. R. D. Lisboa 50\$. Do Porto 150\$, a professora-mãe. Idem 80\$ do Artur. Brasil, Maria

Só, 250 cruzeiros. Lisboa 200\$ de uma Maria. Mais 300\$ de Lourenço Marques. Do assinante 9058 são 600\$. Mais 100\$ do Porto. Mais idem 250\$ prometendo tornar a bater à porta e fazer mais barulho. Mais 112\$70 de Lourenço Marques. Mais 400\$ de Vila Luso. Sim senhor; recebemos em tempos os 600\$ de que nos fala. Das Devesas. De Bombarral 100\$. Mil de algures. Mais:

«Ao enviar estes 1.000\$00, vou-lhe fazer um pedido, mas primeiro quero dizer que este dinheiro foi-me deixado pela minha avózinha que morreu estes dias. Foi uma lembrança das suas economias de dona de casa que ela me quiz deixar. Depois de procurar maneira de os empregar condignamente, acabei por achar que era nessa obra, que a avózinha tanto amava e admirava que estes poucos escudos tinham o seu máximo e honroso rendimento.

Eu vivo muito longe, na cidade da Beira, na África Oriental Portuguesa mas minha avózinha morreu na cidade do Porto, aí perto de vós. Era assinante do Gaiato e grande entusiasta pela vossa Obra.»

COLÓNIA DE FÉRIAS DO GAROTO DA BAIXA

De vez em quando aparecem aqui e jogam a bola, rapazes da colónia, a qual é na próxima freguesia de Cete, em casa própria. Ontem estiveram os grandes. Vi e estimei. Todos trabalham em seus empregos, no Porto. A colónia tem uns nove anos; estes são dos primeiros e amanhã pode ser que mandem seus filhos. É admirável! Obras continuadas, colhem valor e atingem a perfeição.

Um grupo de vicentinos do Porto é responsável. Alguns dão das suas economias e do seu tempo. E nós nunca sabemos do melhor nem eles o dizem... São segredos de vida interior. Os homens de Deus não se queixam nem mendigam simpatias.

Poderia hoje mudar de nome e em vez de *Garoto da Baixa*, ser *garoto da cidade*; porquanto, se é verdade que os primeiros foram da Reboleira, hoje são ainda de lá e também de S. Victor, Birinhas, Victória; aonde as lhas aí eles.

primeiro adquirir uma jóia em recordação da Pessoa de Família, que a possuiu. Lembrei-me porém, logo de seguida, para melhor «jóia» não podia ter, nem melhor homenagem poderia prestar a esse Ente querido, que assegurar a mais pronta construção de mais uma casa do «Património dos Pobres».

Quanto à sua localização, fará o favor de decidir como o tenha por favor mais conveniente aos Pobres a quem se destina, agradecendo, caso a minha curiosidade seja aceitável, que saiba através de «O Gaiato» onde será construída.

P. S. Junto mais Esc. 1.000\$00 para a Casa do Gaiato, nesta quadra das praias...

Cada um guarde para si a palavra que mais interessa. Note-se a maiúscula *Pessoa de Família*. Aqui representa devoção. Quere dizer amor. Pobres, Igreja, Família, parecendo três, é um. Um só amar. Repare-se também no P. S. e sobretudo nos três pontinhos do fim. Este senhor, natural do Porto, conhece o tempo e a gente das Terças e Praias. Mais uma arrumadela; são os Directores e Pessoal da *Hica* com as suas mensalidades de Julho—5.387\$70 e 1.795\$90 respectivamente. Cujo dinheirinho é devotamente colocado no Banco, a ver se outras *Hicas* aprendem o caminho.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No passado domingo 28, veio-nos visitar o grupo de Futebol do Albergue Distrital do Porto. Começou às quatro horas e o nosso misto, composto de reservas e primeiras, derrotou o adversário por 6 bolas a duas. Jogo muito correcto, arbitrado pelo antigo colega Alberto Ramos d'Almeida (Malaia) tendo-se distinguido pelo nosso grupo: Rui e Nicolau. Jogo muito correcto a que se opôs a nossa melhor capacidade física e técnica. O jogo foi disputado sob um calor intenso, motivo porque os jogadores se não puderam empregar a fundo e mostrar as suas reais qualidades.

—Torno a informar a nossa massa de leitores, que temos ainda exemplares do livro: O Barredo. Viagens está por um filho. Mexem-se os dos escritórios, que vão registando a «massa» que vem, os da encadernação dobram, cozem, encapam, embrulham e o chefe da Estação dos correios de Paço de Sousa «berra» que não pode com o trabalho e os leitores contentes pelo fruto que colhem com as suas leituras.

Os da composição estão já preparando os tipos para futuras edições, que se não estou em erro são: Nota da Quinzena e Património dos Pobres, os da impressão preparam os prelos. Enfim, tudo trabalha com alegria e os beneficiados somos todos.

—Estamos no tempo da fruta: das peras, das maçãs, das uvas. Com elas levantam-se graves questões e há grandes tribunaes. Ninguém gosta de ser da lavoura, mas neste tempo todos se chegam para a beira das ramadas e dos bardos, pois as uvas luzem que até fazem crescer água na boca. Ainda ontem tomaram o peso da cana do Sejaquim o Miguel e o Tomar II, que mostraram ser uns bons provadores... Deixaram-me a impressão que não ficaram lá muito satisfeitos... Vamos a ver se a coisa melhora, quando não chegamos à vindima e lá nem são precisos os lagares!!!

—Agora são corridas d'arcos: uns são do Porto, outros do Sporting, do Benfica, Belenenses, Covilhã e por aí além. São voltas ao campo de futebol, corridas nas avenidas, não se pensa noutra coisa. São os efeitos da Volta a Portugal, ganha mercadamente pelo Ribeiro da Silva, de Lordelo. Paredes, a quem rendemos as nossas mais sinceras homenagens. Depois, como os leitores por certo já adivinharam não faltam braços, pernas partidas, cabeças rachadas, não tendo a senhora do Hospital mãos a medir, roupas esfrangalhadas. O pior é

que o chefe não se faz rogado: colher de pau em punho e toca de cima para baixo... Agora já está o ambiente mais calmo, mas aqui há dias já não se passava sem o arco: nas oficinas, nos dormitórios, no refeitório, em toda a parte. Depois faziam uns pitorescos capacetes, tendo o nome dos corretores: Alves Barbosa, Ribeiro da Silva, Sousa Santos, Pedro Polainas, José Calquinhos, António Adegas e muitos mais. A seguir todos queriam ganhar e no final de cada prova lá estavam as desordens e narizes a deitar serrabulho... Também haviam prémios e os últimos quase sempre recebiam um parafuso... Resumindo: tudo isto é preciso. Sem isto também não havia alegria aquela e a alegria que sempre existe entre nós. Assim é que é. Assim é que está bem. Numa palavra: isto é a Casa do Gaiato!!!

—Já vão sendo horinhas para os senhores enviarem prendas para os irmãos que se vão consorciar no dia 5 de Setembro na nossa capelinha. São eles como sabem o António Teles, que está na nossa África, a trabalhar na Sena Sugar Estates Lda, que mal casando segue imediatamente para lá e o Manuel Pinto, do Escritório da Nossa Tipografia. Está a levantar-se a sua casa no nosso terreno do bairro, mesmo pegadinho ao muro da aldeia... Desejamos muitas felicidades a estes irmãos que vão dar um grande passo em frente e que a massa dos leitores do Melhor do Mundo envie suas prendas, dizendo-lhes que está com eles. Valen?

—Estiveram cá no domingo passado 28, como acontece todos os domingos, muitas visitas. Realizou-se no nosso salão uma festa por um grupo de amadores, ensaiado pelo tão popular Mingos, o Bate-Chapas de A Voz de «Os Rídiculos». Gostamos muito da festa e por isso, daqui agradecemos a todos os que nela colaboraram. O Pai Américo também assistiu. Foi pena que tivesse de sair e retirado por isso, do salão antes do termo do espectáculo.

As nossas saudações pelos momentos agradáveis que nos proporcionaram e muito obrigado pela visita. Para todos as nossas melhores saudações, mas fazemos uma chamada especial ao ilustre amigo Mingos, que cá em casa goza de popularidade extraordinária.

Daniel Borges da Silva

Miranda do Corvo Nos dias quinze e dezasseis tivemos o nosso retiro na Senhora da Piedade. Daqui foram os maiores. A este, junta am-se todos os do Lar e o Torres Novas, e o Victor antigos gaiatos. Éramos ao todo quarenta e oito. Foi pregação do Senhor Padre Francisco, do Seminário da Figueira. Um retiro é uma grande graça de Deus. Nem todos os rapazes têm essa graça. Mas Deus concedeu-nos-la, não que nós a merecéssemos mas sim pela Sua infinita Misericórdia. Estes dias foram passados em recolhimento com Deus. O Sr. Padre Francisco começou por nos dizer que nós viemos de Deus e para Ele havemos de ir. É a grande responsávelidade que temos sobre nós. E às vezes esquecemo-nos dela. Falou-nos da comunhão, laço de amizade entre todos. Temos de ser muito unidos. Nós unidos somos capazes de tudo. E nós rapazes da Casa, que vivemos aqui como em família, mais do que ninguém temos que ser unidos. Às vezes são pouco unidos nós somos.

O fim de um retiro é para irmos de lá melhores; mais amigos de Deus; mais puros; mais cumpridores dos nossos deveres. Numa palavra: mais filhos de Deus. O Sr. Padre Francisco pediu-nos que comuniquésemos muitas vezes. Exortou-nos a que comuniquésemos todos os domingos. Sem comungar não nos aguentamos na vida. A nossa alma precisa tanto de alimento ou mais que o nosso corpo. Quando temos Jesus dentro de nós sentimo-nos outros. Somos capazes de tudo. Sigamos sempre a Jesus, porque com Ele vamos longe na nossa vida. Todos nós ficamos muito reconhecidos ao Sr. Padre Francisco.

—Acabámos de tirar as nossas ba'atas. Graças a Deus foram bastante boas. O pior é que estão a apodrecer. Já escolhemos todas as podres e deitámo-las remédio. Agora há-de ser o que Deus quiser.

—O Sr. Padre Horácio anda muito desanimado. Os peditórios este ano estão a dar menos que os outros anos. Os senhores não se esqueçam de nós. Se não nos acodem não acabamos tão depressa as nossas oficinas.

Nós cá ficamos à espera da vossa generosidade que estou certo ainda se não acabou.

José Roque Crisanto

A VENDA NO PORTO

É pela primeira vez que escrevo no nosso «Famoso». Já há muito que pensava em pedir para fazer a crónica da venda do jornal na «lavicta Cidade».

Há muito tempo soube que em Lisboa já vendiam cerca de 3.500 e como no Porto, Braga, Póvoa do Varzim, Guimarães, etc. etc., se vendem 4.500 tivemos que nos pôr a pau, pois se não a camisola amarela ardia e nunca mais a apanhávamos, isso é que era mais bonito. Os rapazes que vendem no Porto dizem que estão fartos de se esforçar para não deixarem que os de Lisboa lhe passem as palhetas.

Sei que em Setúbal também estão a acariarhar a Obra. O que me entristece é que o Porto que há tempo que acordou começa a dormir quando outros despertam. Será cansaço?...

Vamos a isto... se não o Porto deixa de ser Porto...



TRIBUNA DE COIMBRA

Daqui donde escrevo vejo perto uma grande azáfama. É um autêntico formigueiro. São as nossas oficinas a subir e o prazer antecipado de todos. Os médios acartam tijolo, enquanto os maiores levam outros materiais mais pesados. É uma alegria. São as nossas oficinas. Andamos já a terminar o segundo piso.

No primeiro são quatro salas grandes destinadas a oficinas pesadas: serralharia, carpintaria, marcenaria e não sei ainda que mais. No segundo piso são cinco salas para barbearia, alfaiataria, sapataria e o que depois se verá.

O Carequita com os nossos grandes bois não tem mãos a medir, nem tempo a perder. Os nossos bois têm sido de ferro. Se não fossem bois, havia de condecorá-los. Enquanto contemplo este pequenino mundo a andar, vou já antegozando a alegria de ver as oficinas prontas. Têm-nos feito tanta falta!...

Fez quinze anos em Janeiro que começou esta Casa do Gaiato e até agora não tivemos ainda um compartimento aonde colocar um banco de carpinteiro ou uma mesa de trabalho e pudéssemos dizer é aqui. Temos andado de lado para lado com a ferramenta às costas e a perder o nosso tempo.

A única maneira de ocuparmos os rapazes têm sido as obras e o campo. Não temos podido fazer mais nada. E a vida do campo hoje, infelizmente, não é justa, nem de garantias futuras; e a vida de serventes de pedreiro também não vai além. Qualquer homem que trabalhe num destes ramos de vida não ganha diariamente mais de vinte escudos. E vinte escudos não dão sequer para a boroa de uma família, sem contar o resto. E por isso nós estamos a assistir a uma emigração contínua e a uma limitação tão grande de filhos. E muitos dos nossos campos estão a ficar incultos e muitas das nossas aldeias despojavadas. E as cidades são enchente. E o desemprego é nota do dia.

Queremos que as nossas oficinas sejam uma escola de vocações. Não é nosso intuito formar mestres, mas é estudar a vocação de cada um. A vocação é a tendência natural que Deus deu a cada pessoa e, por isso, cada qual deve seguir a sua.

Nesta contemplação e neste prazer espiritual vamos passando os dias e todos eles nos parecem grandes. Às vezes ainda penso que será um sonho, mas abro os olhos e vejo que é verdade. Não sabemos se poderemos acabar. Temos dias de receio. Ainda há dias ao verificar as contas, apertamos as mãos na cabeça e olhamos para o Alto. Não sabemos se montaremos as oficinas. Esperamos que sim. Deus não nos vai faltar e os homens também não. Quem nos vai oferecer uma serra mecânica? E um torno? E uma máquina de costura para o nosso Martelo? E a ferramenta para três que querem ser carpinteiros e um marceneiro? E uma máquina de sapateiro para o pião que já se bebe? E uma cadeira para o nosso barbeiro? E a forja?

Por agora não tenho mais a dizer aos nossos amigos leitores. Espero que todos comprem o jornal para que não percamos a camisola amarela.

Banana

Quem? Tu mesmo que lês e que nos amas e que podes ajudar. Pode ser tudo usado. O que mais nos interessa por agora é começar.

Há dias preguei numa igreja as oficinas e daí por duas horas estava já a vê-las: um Senhor com um filho e revelou que tudo aquilo que ouvira e que agora via era certo e exacto. A verdade é o nosso lema. Que haja quem a não diga, sim; nós, não; dizemos a verdade e a verdade toda!...

Enquanto contemplamos este pequenino mundo de trabalho e de vida, vamos recordando outros mundos em termas e praias e passeios. A gozar e a morrer. Temos andado por lá aos domingos a pedir. Vamos impelidos por duas necessidades. A primeira é de ajudar a salvá-los, aqueles caminhos não salvam. Os ricos têm mais necessidade de salvação do que os pobres. Nós vamos mais por amor a eles. Para que olhem; para que pensem; para que chorem. Nós vamos incomodá-los por amor.

Por onde temos andado nunca em anos anteriores esteve tanta gente. E, contudo este ano trouxemos menos. E a doutrina é a mesma. E o Evangelho não mudou. As consciências é que nos parecem mais adormecidas. Em Monte Real ainda não chegou a dois contos. Em São Martinho do Porto andou por nove. No Luso passou de cinco. Na Figueira andou longe dos três. Contamos ir também a Nazaré e S. Pedro de Moel.

PADRE HORÁCIO

UMA RESPOSTA

Se pretende conhecer as *Creditas dos Pobres*, nada mais prático do que pedir entrada e viver com elas algum tempo; a Mãe Carolina não vai fora disso. Digo-lhe mais; espere algum tempo e pode conhecê-las na sua terra natal. Elas devem instalar-se em Miragaia no próximo mês de Março. Conheçê-las e ficar com elas. É preciso quem parta o pão ao pobre. Quem saiba «perder» a vida. Escolher a melhor parte.

Seria grande entre os seus; verdadeiramente grande. Uma das *creditadas*, quase de Coimbra e com parentes na Universidade, passava um dia nas ruas da baixa com uma trouxa de roupa à cabeça e na mão uma alfofa! Eu também passava e observei.

Perdeu a vida, e isto é todo o seu lucro e a sua grandeza. Tome conhecimento do caso e faça dele um ponto de meditação. Comece desta maneira a conhecer as *creditadas*. Ali não há a vulgaridade; é tudo heroísmo.

Quanto à segunda parte da sua carta, sim; irmãos e irmãs do Padre Faucoult, são uma e a mesma família. Vivem em grupos. Dão-se o nome de *Fraternidades*. Ganham o pão a dar o dia nas actividades humanas, *crístamente*. A Santa Madre Igreja teve sempre as suas datas. Agora vem afirmar que não é necessário sair d'ele; ao contrário do que se pensava, é precisamente no convívio do mundo que a massa se leveda e faz o pão gostoso. Aqui tem. Quando for a sua profissão se tu por cá andar, chame-me. Se já não, até lá e muita saudinha.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Abre a coluna Estanislau Marques com 100\$00. Segue Justino Moreira com 10\$00. Assinante 23.928, 50\$00. Para os Pobres da Conferência envio a quantia de 30\$00 proveniente do aumento de ordenado do marido duma Cigarreira da Fábrica dos Tabacos. Para o simpático grupo de amigos nossos naquela Fábrica as nossas saudações. Mais uma carta, mais dinheiro para os pobres: 20\$00 que podem ser dados se não vir inconveniente à Conferência da Aldeia. É de Lisboa; do Restelo. Palmira Teixeira, 20\$00. De Castro Daire, assinante 12.269, idem. Lídia Cabeça, de Lisboa, 100\$00. João Saraiva, 20\$00. Para a Conferência, sendo possível destinado a um canceroso, 30\$00 de José Galamba Marques. Ruben de Carvalho, 50\$00. De um assinante, 5\$00. Dr. Barata da Rocha, do Porto, 150\$00. Obrigado Senhor Doutor; cá o esperamos outra vez, quando puder. Precisamos de amigos certos. Subscritores espontâneos, sem cobrança. E é destes que tem vivido e viverá a nossa Conferência. De Caminha, mais um Médico, este com o grito de que «O Gaiato é o rei dos jornais d'aquem e além mar e um vale do correio de 130\$00 promessa que fiz de mandarem celebrar uma Missa em acção de graças pelas inúmeras graças que a mim e aos meus têm sido concedidas. Anta de Jesus Alves, 20\$00. Assinante 6.653, idem. Para terminar, 5\$00 da assinante 17.096. E ainda tivemos o prazer da visita do Sr. Capitão Tibério P. Silva que nos entregou 20\$00. Para todos a nossa gratidão e amizade.

Júlio Mendes

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Senhor engenheiro houve de fazer uma ausência, tendo de véspera reunido o conselho dos maiores. Eu estava na maré e continuei na casa dos hóspedes, aonde presentemente habito. Prolonga-se a ausência. Tudo corre bem. Eu não faço falta. Mas em um daqueles dias os rapazes resolveram dar a volta a Portugal, pela avenida, jardins e campo de jogos.

Nada menos de 25 arcos tocados por outros tantos corredores. Foi tudo em grande estilo e muito rigor. O relógio na mão do chefe marcava os segundos. Isto deu-se na hora que vai desde as orações da noite ao deitar. O dia tinha sido tropical. A tarde ia fresca. Tudo convidava.

Eu estava fora dos muros. Padre Carlos muito mais longe. Dir-se-ia uma casa sem governo e não é verdade. Um nadinha de disciplina interior é capaz de distinguir o bem do mal. Os corredores ocuparam o seu lugar e foram da sua hora. Nada de estranho a não ser o seu maravilhoso à vontade.

O pior foi o Júlio. Este veio ter comigo no dia seguinte e declarou que assim era impossível. Que lhe faltaram rapazes à entrada.

Que tem muito trabalho na tipografia. O rapaz vinha assanhado por que lhe faltaram rapazes e ele precisa de todos. Muito entusiasmo, velocidade, força, comoção. Resultado? Cama. Dia seguinte, ficou o chefe na cama. Ora eu aqui dei razão ao Júlio e começo a tornar-me azêdo; amigos amigos, negócios à parte.

*** Tendo ouvido falar em arcos, não perguntei nem quiz saber de onde vieram. Pudera eu nunca perguntar para nunca saber! Mas o meu amigo Ramada, que costuma vir dar-me as boas noites, trazia consigo um arco tão bem feito que eu não resisti. Perguntei. Soube. Aquele era do *Macaquito*, que o emprestou ao *Macaco*. Mais me informa o rapaz que há muitos deles. Muitos. Faz uma pausa, puxa pela memória e conta trinta e cinco. Trinta e cinco arcos! Começo eu a ganhar interesse e curiosidade e o Ramada a tudo responde com beleza e simplicidade. Tudo nele era lindo como o arco que trazia! É assim: eles vão à oficina e pedem ao Fonseca que é ali o chefe. Este, ao que o Ramada me diz, dá-lhes verga suficiente para o arco mai-la gancheta. Outro pedido e o chefe manda soldar e aí estão eles aptos a dar a volta a Portugal. Tendo escutado, não disse nada ao meu informador, mas fiquei a ruminar dos que deixam de cumprir na tipografia. Os que vão buscar materiais à serralaria. Dois grandes prejuízos. Junto estas razões, faço um relatório mental e não me segurei que não fosse por aí a baixo, falar com o senhor engenheiro. Ele encontrava-se num lugar muito importante e numa hora muito séria—o seu Retiro. Não deveria ser perturbado; Não devia. Mas eu andava perturbado. Trinta e cinco arcos. Outras tantas ganchetas. As contas de ferro na rua do Almada. As contas na Sociedade do Ar Líquido. Os fregueses da tipografia a reclamar os seus trabalhos. Eu andava perturbado. Chego ao local e pergunto. Sim senhor; pode falar se for assunto importante. Era. Quan-

to a mim era. Começo a expor e disse e disse e disse.

*** Eu jurei que nunca mais tornava a falar em cães. Uma vez que o fiz, tantas cartas e tantas ameaças e tantos nomes feios me chamaram, que eu fiquei sem dúvidas; no século em que vivemos, há muita mais gente dedicada ao cão do que ao homem.

Jurei, sim, mas torno. Não por causa do bicho, mas para dar notícia do que é capaz a iniciativa.

Apareceu-nos um cão naquele dia e eu levantei logo o dedo. De entre todos quantos me escutaram vai o *Palhaço* e toma o animal numa guita e sai pela porta fora de manhãzinha sem dizer para onde, tão pouco ele o sabia. Põe-se a caminho, arco a tira-colo. Horas depois estava em Penafiel. Era a feira de S. Bartolomeu, aonde costumava haver um terrado para a conhecida feira dos cães. O rapaz aproxima-se por mera curiosidade. Ele não sabia. Ninguém lho tinha dito. Passava. Mal o faz aí vem o fiscal e corta um bilhete; *deixa cá ver*. O rapaz pergunta *que é que você quer*. Era a taxa. *Palhaço* toma o arco na mão, prepara a gancheta, vira costas à feira dizendo, *fique com o cão*. Penafiel é num alto. A estrada convida. O arco puxa. Chegado à Ribeira e em vez de tomar pela estrada de Cete que num instante o punha em casa, segue pela de Entre-os-Rios e só ali parou. Quinze quilómetros espumantes! De sorte que por sua deliberação e para me ser agradável, resolve o angustioso problema de o a mais, num delicioso imprevisto.

Que infinito! Quem pode limitar a satisfação do rapaz atrás do seu arco feliz, dominante. Não é este o caminho de um homem perfeito? Haverá quem juigue melhor?

*** Em virtude da natureza da nossa Obra, estamos hoje a colher naturalmente o doce amargo que ela oferece: os casamentos. Avelino foi o último, Maio passado. Tem hoje a sua casa. Quem passar depois das seis da tarde vê o rapaz na saudável tarefa da horta e do jardim. Avelino tem pintainhos e tem coelhos. As vezes, noto um dos mais pequenos com um feixe de erva na mão. Pergunto. *É prós coelhos do Avelino*. Hoje passavam dois dos maiores, que também os têm. Aquela hora, dois dos grandes, que seria? Coelhos. Nos dois sítios há criação. Morre a fêmea do Abel e do Carlos, os dos pombos. Eles tomam os órfãos e vão dá-los à ama. A coelha do Avelino aceita e alimenta-os de graça. Não são do seu sangue, mas são semelhantes. Precisam. Morreu-lhes a mãe.

Parece que a natureza se debruça nesta e mais casas do gaiato para fazer de todos um mundo novo! Aqui não há idades nem escolhas nem contratos nem nada. O que nos bate à porta, havendo lugar, entra e come de graça. Quantos! O sangue não importa.

*** O Zé Maria é aquele pequenito do Barredo que flugiu um ataque na rua, foi conduzido ao hospital e uma vez na mão dos médicos abre os olhos, toma a fala e diz—*eu quero mas é comer*. Os

médicos espantados e comovidos, escreveram uma carta piedosa, e nós dissemos que sim. Nos primeiros dias tudo ia bem. Zé Maria era a criança de olhos luminosos e espírito de aventuras. Não foi longe porém, que não co neçasse a aborrecer o trabalho e fugia. Pequenininho como era, breve lhe deitavam a mão e vinham aqui entregar o impaciente. Isto aconteceu mais de uma vez. Fugia.

Vivacidade, beleza, interesse, tudo perdeu o Zé Maria, a ponto de não ser reconhecido pelos próprios médicos do hospital, que um dia aqui vieram, com o sentido de o ver. Eu exoliquei—*o rapas não quer trabalhar*.

Sucedem-se os meses. Formase uma pequenina revolta no interior do garoto. Não adianta fugir. Não quer trabalhar. Que fez ele? Foi buscar os ataques da Reboleira. Atira-se para o chão, redondo. Perde a fala. Perde a vista. A enfermeira, com ataques de outra natureza, abre-lhe o leito no hospital. Diz-lhe mimos. Procura chamar o doente à sua pequenina obrigação. Nada. Nada feito! A palavra era cada vez mais azêda. *Quero-me ir embora. Não quero trabalhar*.

Isto mais de um ano. Eu estudava o Zé Maria em silêncio e admirava-me que o exemplo de tantos não lhe desse gosto.

A paciência gera a esperança. A hora da conversão chegou. Sim. Digo bem. Uma conversão. O Zé Maria, embora hoje, por pequenino, não seja capaz de anunciar o como e quando, o certo é que mais tarde, pela vida dentro e até ao fim, há-de recordar a sua pequenina estrada de Damasco.

E deu-se com ele precisamente o mesmo que se dá com os grandes convertidos. Sem ir buscar nada fora, põe hoje à disposição do seu trabalho os recursos que sempre teve. Assim como hábil nos ataques fingidos, assim agora no cumprimento do dever. Ele é o refeiteiro dos *Batatas*. Ali tudo espelha. Quando os senhores cá vlerem, indaguem e observem.

Mas isto é nada. Ele é mais do que refeiteiro; é um pequenino apóstolo no meio dos mais pequeninos, aos quais serve com primor. Tenho observado. Observado e chorado de alegria, por me ser dado assistir de tão perto e ver como Deus opera.

*** Já que estamos ocupados com Zé Maria, mais Zé Maria. Ontem, domingo, foi dia de invasão. Começa logo de manhã com dezenas de camionetes e a cozinha é o ponto. Eu passo e vejo o rapaz encostado ao fogão, cafeteira na mão e a chorar. Chorava o Zé Maria. Tinha servido o café, mas não chegou para todos. Cozinheiro, por sua vez, alega que tinha ido o dos mais dias, mas *tu não souveste repartir*.

Estava ali a causa das lágrimas; cozinheiro não lhe dava o que ele queria dar aos seus pequeninos senhores. Sem procurar interferir, dei toda a razão ao Zé Maria. Porquê? Por causa das suas lágrimas. Aonde elas, ali a razão.

Ora nós tínhamos na maré machos de cigarros de chocolate, de uma caixa que um Senhor do Porto (Avô) nos costumava oferecer. Veio-me a ideia. Peço a guloseima à senhora da cozinha e entrego ao

refeiteiro—*vai distribuir 3 cigarros a cada um*. Zé Maria entra no refeitório. Mal deram fé, os 25 *batatas*, erguem-se, batem palmas, dão vivas, querem abraçar o seu servo, tão lindo como eles.

Uma lição. Uma grande lição. Nós costumamos receber em várias línguas de várias nações grandes questionários, aonde se pede explicitamente, *diga se alguma vez houve de se arrepender ou de alterar o seu sistema*. Oxalá este caso do Zé Maria chegue àqueles organismos e seja traduzido. Tem acontecido muitas vezes ser eu mesmo o distribuidor dos cigarros. Dou a volta às mesas e deixo 3 ao pé de cada um. Além de um ocasional marmúrio *dê-me antes daquela cor*, não se ouve mais nada. Eu tenho cinquenta anos a mais. Não os impressiono. Há a distância.

Vai o Zé Maria do mesmo tamanho, mesma idade e é o que se vê! Obra d'eles, por eles, para eles. Os que perguntam aprendam. Os que duvidam, façam. Que diferença, meu Deus, entre as lágrimas do Zé Maria vertidas por amor, e outras, de tantos, por medo—que diferença! E como podia o Zé Maria amar, se lhe não déssemos a doçura de servir? Acaso o funcionário poderia substituí-lo? Não são eles o *estorvo* em obra desta natureza?

*** Mas há mais. Os grandes. No refeitório dos grandes os serventes são grandes. Há dias um prevaricou. O servente castigou. Não houve mais nada. Foi caso arrumado. Falta aqui, naturalmente a beleza da inocência como no caso acima. Outras idades. Mas o princípio está—*simile cum similibus*. É tão salutar o primeiro caso como o segundo só que diferem as idades.

*** Ando aqui a aturar o *Pombinha* em férias, e vou fazendo o que posso. A senhora da cozinha não o quer dentro das portas. O Júlio já correu com ele da tipografia; e assim por toda a parte. Ora o *Pombinha* não tem nada. Está na idade dos tormentos e atormentado. É só isso.

*** Naquele domingo fomos pedir, senhor padre engenheiro, mais eu; ele Granja, eu Póvoa. Duas praças. Enquanto eu arranji três contos e um tostão, ele arranjou 24.000 francos de dois turistas e sete mil escudos de nacionais e uma escrava de prata e uma aliança de ouro e um anel com pedras e um dito de platina e uma valente pérola. Enquanto eu fui comer a uma tasca à minha custa, senhor padre engenheiro foi almoçar a casa da Senhora Dona Maria Mancelos na companhia de sua cunhada Maria Teresa Mancelos e a irmã desta Maria Brito, que se chama na nossa gíria a *Senhora da Granja*. Resultado: ninguém atura hoje o senhor engenheiro!

SE DESEJA MANDAR CONFECIONAR
TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA